

A dimensão sonora das migrações e os desafios à imaginação política

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA ou SIMPÓSIO: Etnomusicologia

Daniel Stringini

UNIRIO – daniel.stringini@gmail.com

Resumo. A partir de trabalho etnográfico no campo da etnomusicologia, sugiro que os fluxos migratórios contemporâneos, tomados aqui através dos músicos, seus percursos e sonoridades, impõem questões às cidades, aos territórios, às cenas musicais, às instituições, às “paisagens sonoras” e repertórios sônicos dos locais de destino. Tendo nos últimos anos acompanhado as produções e mobilizações de músicos haitianos no Brasil, aproximo, aqui, estas experiências etnográficas ao modo como o teórico Sandro Mezzadra tem abordado as migrações contemporâneas, estas enquanto “comunidades políticas”, e do quanto os processos migratórios desafiarão os limites da nossa imaginação política.

Palavras-chave. Etnomusicologia, Migrações contemporâneas, Músicos haitianos, Imaginação política.

Title. *The Sound Dimension of Migration and the Challenges to the Political Imagination*

Abstract. Based on my ethnographic work in ethnomusicology I suggest that contemporary migratory flows, taken here through musicians, their displacements and sounds, raise questions for local's cities, territories, musical scenes, institutions, “soundscapes” and sound repertoires. Having followed the productions and mobilizations of Haitian musicians in Brazil in recent years, I bring these ethnographic experiences closer to the way in which the theorist Sandro Mezzadra has approached contemporary migrations, these as “political communities” and how migration processes would challenge the limits of our political imagination.

Keywords. Ethnomusicology, Contemporary migrations, Haitian musicians, Political imagination.

1. Introdução

As questões que apresentarei partem de meu trabalho etnográfico e de colaborações entre músicos haitianos que nas últimas décadas tem vivido na região Sul do Brasil. Tais questões constituem aspectos fundamentais para a tese, em andamento, no campo da etnomusicologia. Nos últimos anos tenho atuado como músico, produtor, mediador e pesquisador neste campo de pesquisa que tem sido construído em torno da ampla temática “música e migração” e através de minhas experiências em uma cidade do Sul, Chapecó (SC), as questões que têm atravessado a tese se referem a pensarmos a dimensão da cidade (REYES, 2019), a constituição e reconstituição de territórios e fronteiras, e as produções sônicas em um sentido que excede o musical (CUSICK, 2006; GOODMAN, 2010).

De forma mais ampla, uma das preocupações da tese tem sido etnografar as relações (“mundos musicais locais”, “mundos musicais migrantes”) estabelecidas nesta cidade que tem sido reivindicada enquanto “cidade migrante” pelos grupos que nela tem vivido nas últimas décadas. Diante deste panorama, focalizarei, aqui, um aspecto que atravessa esta

problemática mais geral e que se refere àquilo que as comunidades migrantes produzem, questionam e impõem como desafios à sociedade local. Aproximarei minha experiência ao que o teórico e ativista Sandro Mezzadra tem situado como “autonomia das migrações” ao abordar os fluxos migratórios nas suas relações com a composição do trabalho, capitalismo contemporâneo e subjetividade. Uma pergunta que norteará esta aproximação que proponho aqui será: diante das mobilizações, organizações e redes constituídas pelas comunidades haitianas no Brasil, em que medida e de que forma o expressivo contingente de músicos destas comunidades haitianas tem desestabilizado e provocado questões e tensionamentos às comunidades locais?

2. Contextualizando a migração haitiana no Sul

Com pouco mais de duzentos mil habitantes, Chapecó é reconhecida como uma cidade que recebe muitas pessoas de outros lugares do país, viajantes ou estabelecidos, e isso se dá pela presença expressiva de universidades, públicas e privadas, mas principalmente por ser um grande polo agroindustrial. Há um slogan na cidade que a define como cidade de oferta de trabalho. Desde 2010 Chapecó, e a região oeste do Estado como um todo, passou a ser o destino de muitos grupos migrantes. A migração haitiana é a mais expressiva, tendo sido impulsionada após o terremoto que devastou o Haiti e suas subseqüentes crises econômicas e políticas (JOSEPH, 2015, 2017; NEIBURG, 2017). Meus interlocutores, e de um modo geral os grupos oriundos de Senegal, República Dominicana, Congo, Moçambique e Venezuela, tem ido para aquela cidade em função do grande número de empregos ofertados pelo polo agroindustrial que caracteriza a região. A dimensão do trabalho, assim, é fundamental para que pensemos os movimentos migratórios contemporâneos e é algo que tem permeado de forma constante e de diversos modos os diálogos que tenho tido em campo. Os ensaios, shows, gravações e outras negociações que envolvem atividades musicais de meus interlocutores são frequentemente atravessados pelo tipo de trabalho e horários impostos por jornadas exaustivas. Articulados a estas atividades laborais, as quais também tem produzido tensões e presenças nesta cidade, há uma presença musical protagonizada por sujeitos e grupos migrantes as quais tem se dado, por exemplo, através de corais e bandas nas igrejas evangélicas haitianas, na criação de estúdios caseiros, nas festas e produções culturais, na criação de bandas tradicionais e como produtores e *beatmakers*.

Em meus percursos urbanos junto a estes músicos, percebo suas práticas musicais produzindo territórios. Percebo estes sons atravessando ruas e bairros, atravessando a cidade

ou produzindo “outras cidades” dentro dela. Neste sentido, faço um diálogo com o trabalho de Andrew Eisenberg (2015) quando apresenta uma *islamic soundscape* a fim de pensar os marcadores sonoros, religião e comunidades minoritárias na cidade de Mombasa, Kenya. Faço esta aproximação a fim de delinear uma “paisagem sonora haitiana” (INGOLD, 2008) que estaria demarcando os fluxos migrantes ao longo desta cidade do Sul e que, através de uma série de articulações (sonoras, também) inserindo-a em uma rede diaspórica.

Diante deste novo contexto que se impõem, é preciso considerar, ainda, que a cidade de Chapecó é também reconhecida como uma “cidade musical”, com um expressivo número de músicos, corais, orquestras, escolas de música e conservatórios, cursos de graduação em música, estúdios de gravação, intensa vida musical em bares, grupos de rock, de rap, de pagode e de músicas típicas da região, e outros. Há um movimento significativo em torno de corais italianos (corais com repertórios italianos) e que assinala um processo migratório histórico naquela região. A presença alemã, por sua vez, pode ser percebida, por exemplo, nas festas e bailes com músicas típicas, demarcando outra migração também ocorrida entre os séculos XIX e XX. Assim, pensar a cidade em minha tese tem significado considerar essa rede ampla que a atravessa, histórica e sincrônica, e que permeia as vidas sociais de indivíduos e comunidades. Ao invés de situar, então, os grupos migrantes de acordo com um paradigma isolacionista, tenho pensado/ouvido as ações destes grupos haitianos enquanto movimentos políticos a partir de suas relações constituídas nestes novos territórios.

Para além da “evidência de que a mobilidade é um fenômeno antigo e estrutural no universo haitiano” (BERSANI; JOSEPH, 2017, p.9), há o reconhecimento de que os movimentos posteriores ao terremoto que atingiu o Haiti em janeiro de 2010, se estabeleceram como um novo grande fluxo migratório e que teve o Brasil, sobretudo, como um destes destinos mais expressivos (JOSEPH, 2015; 2017). Federico Neiburg (2019) apresenta os cruzamentos entre as histórias do Haiti e do Brasil, tanto recentemente em torno da controversa Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti a partir de 2004 quanto pelos passados escravagistas, as presenças de forças coloniais e imperialistas, e as diferenças “nas formas como lidar com as desigualdades: o Haiti tendo sido o primeiro país a abolir a escravidão em 1804 e o Brasil, o último, em 1888.” (ibid., p.7).

Uma das tarefas de minha tese tem sido considerar como essas mobilidades, que atravessam e impactam, agora, uma cidade média no sul do Brasil. Diante disto, tenho formulado quais seriam as conexões possíveis e também as distâncias com relação às questões que surgem em trabalhos produzidos em outras cidades/contextos com grupos em

deslocamento/migrações como fazem, por exemplo, as etnomusicologias de Deborah Wong (2004), Ursula Hemetek (2010), Susana Sardo (2010), John Bayle (2005) e Josh Kun (2016)?

Além da dimensão do trabalho, central nos fluxos globais contemporâneos (SASSEN, 2016), percebo as produções musicais/culturais acionando redes transnacionais naquela cidade média do sul do país. Tenho tomado as cidades nas suas complexidades e relações e não as recortando como comunidades isoladas, ainda que as comunidades haitianas sejam, em si, múltiplas e heterogêneas. Mezzadra (2012) se refere às migrações como contextos privilegiados para pensar a produção de diferença, ainda que afirme estar longe de “atribuir uma avaliação unilateralmente positiva a esta produção de diferença” (ibid., p.72) e que busca se afastar do que chama de uma leitura estetizante das migrações. Diz que “fazendo eco à feminista afro-americana Audre Lorde, ‘é no interior da nossa diferença que somos ao mesmo tempo mais potentes e mais vulneráveis’” (ibid., p.72).

3. Dimensões sônicas e imaginação política

Na metade de 2019 participei como instrumentista em show do músico *Pitit Guerline Nam*, jovem artista rapper haitiano. Eu havia feito a mediação para que ele entrasse na programação de uma feira independente que aconteceu na praça central da cidade de Chapecó, e com isso ele me convidou para acompanhá-lo como tecladista. Neste show, tocamos suas músicas, raps e konpas¹ cantados em crioulo haitiano, ele na voz e disparando as bases e beats em um notebook, e eu com um sintetizador. Além de suas composições, ele escolheu algumas músicas brasileiras para incluir no setlist. Algumas das quais ele havia conhecido através de outro artista haitiano, com quem colaboro enquanto músico e que havia recebido *Pitit Guerline Nam* no Brasil. Uma destas músicas brasileiras que compuseram a performance deste dia é uma conhecida canção radiofônica do grupo mineiro Jota Quest, intitulada O Sol. Até então eu nunca havia tocado, embora já a conhecesse bem. Desde que *Pitit Guerline* me apresentou a ideia de fazermos uma versão, algo que sempre me chamava a atenção era o quanto os versos “Hey dor, eu não te escuto mais / você não me leva nada / Hey medo, eu não te escuto mais / você não me leva nada / E se quiser saber prá onde eu vou / prá onde tenha sol / é prá lá que eu vou” ganhavam outros contornos e significados interpretada pelo artista haitiano.

O ponto onde quero chegar é que, após este show, um músico local que eu havia acabado de conhecer veio até mim comentar esta performance que havia ocorrido no centro da cidade. Entre outras coisas ele me disse que “música Africana tudo bem, ok, mas essa

música do Jota Quest não dá”, em um tom de desaprovação. Aquele músico local, com um background da música instrumental, de alguma forma apresentava ali os entendimentos locais dos limites entre os repertórios, entre nichos e cenas musicais, e operava através de interdições e estigmatizações. Situação semelhante percebo ocorrendo em torno das performances de uma banda de konpa haitiano, nesta mesma cidade, e que tem incorporado músicas sertanejas no seu repertório. Percebo o movimento destes músicos haitianos em direção a estas sonoridades afastando certo público universitário/*alternativo* que em um primeiro momento havia se interessado pela banda. No entanto, percebo o mesmo movimento destes grupos migrantes os colocando mais próximos de grupos locais que estão envolvidos com músicas sertanejas, funk carioca, rap e outros tipos de música também estigmatizadas no Brasil. Creio que exemplos como estes lançam questões a um “imaginário afro-caribenho” que tem se apresentado como silenciador de novos arranjos político sonoro.

É a partir destes breves relatos etnográficos que proponho articulações iniciais ao que Sandro Mezzadra apresenta em *Multidão e migrações: a autonomia dos migrantes* (2012). Em abordagem que propõe compreender os movimentos migrantes enquanto movimentos políticos (comunidades políticas), sua tese da “autonomia das migrações” se situa como uma “perspectiva de análise das ‘políticas de mobilidade’ – que enfatiza a dimensão subjetiva no interior das lutas e enfrentamentos que constituem materialmente o terreno dessas políticas” (MEZZADRA, 2012, p.73). Para esta comunicação, o que especialmente nos interessa é aquilo que Mezzadra aborda em *Desafiando os limites de nossa imaginação política*, último seção de *Multidão e Migrações*. Ao questionar a definição política da condição migrante, e após delinear a noção de autonomia, as migrações enquanto movimentos sociais, o autor lança a seguinte pergunta: “De que maneira podemos e deveríamos interpretar politicamente as lutas dos migrantes? Em que perspectiva essas lutas se inscrevem, aqui e agora?” (p.94). A fim de apontar algumas respostas, Mezzadra apresenta os argumentos de Jacques Rancière e Bonnie Honig através de duas referências de debates no campo teórico político. Focalizarei, aqui, nas menções de Honig evidenciadas por Mezzadra:

Fazendo uma crítica bastante convincente da homologia entre a imagem “xenofílica” do estrangeiro como alguém que tem algo a oferecer, e da imagem “xenofóbica” do estrangeiro interessado em “tomar” algo da sociedade que ele ou ela escolhe para viver, Honig inverte os termos e propõe que pensemos este “tomar” como aquilo mesmo que os imigrantes têm a nos oferecer (HONIG, 2001, p. 99). Em outras palavras, as práticas pelas quais, de acordo com a autora, a cidadania dos migrantes se expressa (mesmo nas condições de exclusão radical da cidadania juridicamente codificada) são vistas como questionadoras das bases estruturantes da própria democracia. (MEZZADRA, 2012, p.95).

Interessa, aqui, pensar nas questões colocadas em jogo pelas comunidades migrantes e, mais especificamente, como a dimensão sonora se articula com essas questões impostas pelos grupos haitianos no Brasil. Ainda se referindo a Bonnie Honig, Mezzadra diz que “a referência a Rancière é explícita no trabalho de Honig, em sua concepção de política em que as reivindicações daqueles que não pertencem, “na perspectiva do regime de ‘polícia’, é que vão promover o surgimento de novos direitos, poderes e visões” (HONIG, 2001, p. 101)”. Aqui a noção de “polícia” se conecta, segundo Mezzadra, ao modo como Rancière se aproxima dos trabalhos de Michel Foucault.

Tenho proposto em outros textos uma escuta que seja baseada nos movimentos migratórios haitianos nesta cidade. Uma escuta cuja perspectiva se dê a partir dos deslocamentos migrantes em que a dimensão sonora seja o vetor principal. É sob a perspectiva de uma escuta (ou de múltiplas escutas) que tenho situado os modos com que som, música e suas práticas têm sugerido formas de presença na cidade e produzido tensões e problematizações. As breves experiências etnográficas apresentadas anteriormente são marcadores disto, mas também podemos pensar junto com as festas haitianas que reverberam ao longo dos bairros, das bandas e corais das igrejas evangélicas cujas sonoridades permeiam determinada avenida aos finais de semana, da presença de músicos haitianos em estúdios locais, em escolas de música, universidades, e das produções audiovisuais em que figuram espaços da cidade. É diante deste contexto, da perspectiva de “comunidades políticas”, e através de modos de escuta (QUINTERO RIVERA, 2021) que tenho posto em relevo a dimensão sonora naquilo que tenho percebido como produções de novas situações e questionamentos em um contexto de uma migração negra em uma cidade majoritariamente branca. Mezzadra, também em *Multidão e Migrações*, afirma que a imagem proposta pela noção de uma “comunidade política” é algo que desafia nossa imaginação política. (MEZZADRA, 2012, p.95). E nessa direção, tenho encontrado pontos de contato com o que apresento preliminarmente aqui, em Chalcraft, Segarra e Hikiji (2017, p.309) quando abordam a performance de artistas e músicos congolezes na cidade de São Paulo. Pois ao se referirem à performance proposta pelo artista multidisciplinar Shambuyi e pelo músico Yannick, dizem que eles “continuam a desafiar nossa compreensão da cidade e de sua experiência imigrante”.

4. Considerações finais

Minhas interlocuções com as comunidades, músicos e artistas haitianos, e minha leitura de referências recentes as quais tem pensado o contexto haitiano atual e histórico e os fluxos migratórios contemporâneos no Brasil, são atravessadas pelas lutas que configuram estes deslocamentos. As recentes aprovações de leis que permitem que migrantes haitianos atuem em cargos públicos no estado de Santa Catarina, a criação de um programa de ingresso especial para haitianos na Universidade Federal da Fronteira Sul², a abertura para migrantes em editais culturais durante a atual pandemia, a criação de associações, programas de rádios e Webtv's, por exemplo, são colocadas, tanto por meus interlocutores quanto por teóricos haitianos em atuação no Brasil como efeitos de mobilizações e lutas. Assim, seguindo as pistas migrantes “autonomistas”, tenho sugerido considerarmos o papel das práticas sonoro musicais na constituição de territórios e redes, e o quanto estes processos (sônicos) nos permitem lê-los como reveladores dos limites e regulações da sociedade de destino. Neste sentido, um dos aspectos abordados em *Multidão e Migrações* se referem as tensões entre “políticas de migração” e “políticas de controle”.

Tenho sugerido que o sonoro é também agente nestes novos alinhamentos e reordenações na cartografia de uma cidade migrante. Alinhamentos estes que tem se dado não sem tensões, racismos e xenofobias. É recorrente e histórica a imagem estigmatizante que sociedades receptoras tem sobre a figura do migrante, e nesta cidade que tem sido meu campo etnográfico este discurso é reafirmado. Há um lugar estabelecido para o migrante enquanto mão de obra explorada. Diante desses lugares impostos, ao acompanhar as pistas de músicos migrantes tenho colocado em evidência as mobilizações e buscas por reelaborações destes limites. Tocar, pesquisar, produzir e colaborar com estes músicos tem me feito considerar a circulação deles e de suas músicas através das linhas dessa cidade e chamado atenção para a composição de diálogos com indivíduos, instituições e repertórios locais que desafiam a imposição de determinados lugares.

Referências

BAILY, John. So near, so far. Kabul's music in exile. *Ethnomusicology Forum*, v.14, n.2, 2005, p.213-233.

BERSANI, Ana Elisa; JOSEPH, Anderson. Apresentação: o Brasil e a diáspora haitiana. Em: BERSANI, Ana Elisa; JOSEPH, Handerson (org.). *Dinâmicas migratórias haitianas no Brasil: desafios e contribuições*. Temáticas: Revista dos pós graduandos em Ciências Sociais. IFCH/UNICAMP, n.49/50, 2017, pp.9-16.

CHARLCRAFT, Jasper; SEGARRA, Jose Juan; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Bagagem desfeita: A experiência da imigração por artistas congolese*s. Gis-Gesto, Imagem e Som.



- Revista de Antropologia, São Paulo, v.2, n.1, p.305-312, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2017.129448> Acesso em 20 de mar. De 2021.
- CUSICK, Suzanne. Music as torture/Music as weapon. *Transcultural Music Review* 10, 2006. Disponível em: www.sibetrans.com/trans/trans10/cusik.htm Acesso em 10 de mar. de 2021.
- EISENBER, Andrew. Space. Em NOVAK, David; SAKAKEENY, Matt (eds.). *Keywords in sound*. Duke University Press, USA, 2015, p.193-208.
- GOODMAN, Steve. *Sonic Warfare: Sound, Affect, and the Ecology of Fear*. Cambridge: The MIT Press, 2010.
- HEMETEK, Ursula. Mundos musicais inesperados de Viena: imigração e música. Em: CÔRTE-REAL, Maria de São José (org.), *Revista Migrações – Número Temático Música e Migração*, Lisboa, n.7, out. 2010, p.119-146.
- INGOLD, Tim. Against Soundscape. In: CARLYLE, Angus (ed.), *Autumn Leaves: Sound and the Environment in Artistic Practice*. Paris: Double Entendre, 2008, p.10-13.
- JOSEPH, Handerson. Diáspora: Sentidos sociais e mobilidades haitianas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/i/2015.v21n43/> Acesso em 15 de mar. De 2021.
- JOSEPH, Handerson. Diáspora. NEIBURG, Federico (Org). *Conversas etnográficas haitianas*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2017, pp.190-215.
- KUN, Josh. The aesthetics of allá: listening like a sonidero. Em: RADANO, Ronald; OLANIYAN, Tejumola (org.). *Audible Empire: music, global politics, critique*. Duke University Press, Durham, London, 2016, p.95-116.
- MEZZADRA, Sandro. Multidão e migrações: a autonomia dos migrantes. *ECO-PÓS*, UFRJ, v.15, n.2, 2012, p.70-107.
- NEIBURG, Federico (Org). *Conversas etnográficas haitianas*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2019.
- QUINTERO RIVERA, Mareia. Modos de escucha, imaginarios nacionales y políticas culturales: trayectorias de la investigación musical en Puerto Rico y desafíos ante las políticas del neoliberalismo colonial. *El oído Pensante*, 9(1), 2021. Disponível em <https://doi.org/10.34096/oidopensante.v9n1.8863> Acesso em 10 de jun. de 2021.
- REYES, Adelaida. The beneficence and the tyranny of paradigms: Khun, ethnomusicology and migration. In: *Ethnomusicology matters: Influencing social and political realities*. Em: Hemetek, Ursula; Kölbl, Marko; Sağlam, Hande (eds.). Böhlau Verlag GmbH & Co. KG, 2019, p.33-53.
- SARDO, Susana. Proud to be a Goan: memórias coloniais, identidades pós coloniais e música. Em: CÔRTE REAL, Maria de São José (org.), *Revista Migrações – Número Temático Música e Migração*, n.7, Lisboa: ACIDI, out. 2010, pp.55-73.
- SASSEN, Saskia. Três migrações emergentes: uma mudança histórica. *Sur: Revista Internacional de Direitos Humanos*, v.13, n.23, 2016, p.29-42.

Notas

¹ Konpa é um gênero musical e de dança tradicional e expressivo da cultura haitiana.



² Em 2014 iniciou um sistema de ingresso especial para alunos haitianos (Pro-Haiti) na Universidade Federal da Fronteira Sul, em que um dos campus fica na cidade de Chapecó.